

INIBIÇÃO: ALGUMAS NOTAS ⁽¹⁾

Miriam Nogueira Lima

Ainda que no texto "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926) Freud tenha se dedicado mais à angústia ⁽²⁾ e ao sintoma do que às inibições e tenha afirmado não dar demasiada importância em diferenciar, com precisão, os termos sintoma e inibição, é preciso estudar sua definição, situando as distinções e proximidades, as relações existentes entre inibição e sintoma e entre inibição e angústia, para procedermos a intervenções na clínica onde, amiúde, constatam-se ocorrências claramente relacionadas com a inibição.

1 - A Inibição em Freud (1926).

Ele a definiu em termos de uma limitação do eu, de algumas de suas funções, distinguindo alguns tipos: sexual, alimentar, locomoção, trabalho social e inibições especiais. A primeira categoria inclui quatro formas: impotência psíquica, ausência de ereção, ejaculação precoce, ausência de ejaculação. Foi adstrita à histeria, no que tange à locomoção, a inibição da marcha (paralisias) e, tanto à histeria quanto à neurose obsessiva, a inibição do trabalho.

Em plena metapsicologia da segunda tópica, é levado em conta o conflito entre as instâncias psíquicas: isso, eu e supereu. Se o conflito se passa entre o eu e o supereu, uma inibição do trabalho, por exemplo, pode ser entendida como expressão de autopunição, na qual um supereu feroz proíbe o eu de uma realização, um sucesso profissional, ao qual esse eu tem, então, que renunciar.

Se o que está em jogo são as instâncias do eu e do isso, a renúncia a certas funções por parte do eu visa evitar um novo recalçamento, evitar um conflito com o isso. A inibição da escrita é dada como exemplo. Freud diz que a função adquiriu a significação simbólica do coito – “Quando a escrita que consiste em fazer correr da pena um líquido sobre uma folha de papel em branco...” (1973[1926]: 2835) ela é abandonada porque voltaria a executar o ato sexual proibido. Quando funções do eu sofrem uma intensa erotização dos órgãos que nelas intervêm, surge a inibição dessas funções. “A função euóica do órgão fica alterada quando sua significação sexual, isto é, sua ‘erogeneidade’, recebe um incremento” (id. ibid.). Tal afirmação leva em conta a teoria da dupla função de um órgão – interesses do eu e interesses sexuais – desenvolvida em 1910 (1973:1634).

2 - A Inibição está Ligada ao Narcisismo do Eu.

Lacan, no Seminário X, sublinha a evidência de que os três termos – inibição, sintoma e angústia – não estão no mesmo nível. Refere-se à inibição em termos de "captura narcísica", destacando, nela, a dimensão do movimento – Freud fala da locomoção, quando a introduz (1962-63: 6) – e de detenção do movimento, no sentido mais amplo do termo, de se deixar prender no caminho à sua própria imagem, à imagem especular. Essa é a armadilha (1962-63:7)

J. Laberge, em "Real e repetição" (1999:5), lembra que Lacan situa a inibição no campo do imaginário, ao passo que o sintoma situa-se no campo do simbólico e a angústia no campo do real.

Podemos dizer que se trata, na inibição, de uma inflação do imaginário, uma superinflação do imaginário. O crucial da inibição passa pelo narcisismo. Assim, as questões da competição, da rivalidade, do sucesso, do melhor, da relação com a imagem ideal, do duplo, do irmão, do semelhante etc. a envolvem.

3 - Inibição e/ou Sintoma?

Vale uma vinheta clínica. Um jovem, trabalhando como consultor em importante empresa, precisava viajar freqüentemente por seu trabalho. O problema era seu medo de avião. Dizia ter "fobia de avião". Um sintoma fóbico ou uma detenção do movimento, uma inibição do trabalho?! – "Não vou mesmo!... Em avião, não entro nem morto!... Sabe o que é? É a hora da degolagem". – A hora de que? A repetição em alto e bom som – "de-go-la-gem" – chegou mesmo a ensinar a elucubração, na analista, de se o lapso se produzira naquele instante ou se ele sempre achara que "decolagem" se diz "degolagem".

Medo de ter a "cabeça cortada" na empresa para a qual trabalhava? Não. Jamais seria demitido, pois tinha o "pistolão" do pai, nada mais nada menos que um sócio majoritário do grupo.

Aos poucos se evidenciou a inibição. "Tenho horror de viajar, de sair de casa. Gosto mesmo de ficar descalço, deitado, vendo filmes na televisão".

O "pistolão" era do pai. Isto não lhe bastava para inibir o movimento de ter seu próprio "pistolão" etc.? Não é tão simples assim. Se não, vejamos.

O dicionário de R. Chemama refere-se à redução da inibição ao sintoma, ou que o próprio sintoma adquire valor de inibição, advertindo que "seria mais rigoroso reservar o termo de inibição aos fenômenos que implicam uma verdadeira renúncia a uma função, sendo a inibição do trabalho um bom exemplo" (1995:109).

G. Pommier busca esclarecer a distinção entre inibição e sintoma, iniciando com a questão: "de que 'eu' se trata?" Refere-se à antiga confusão dos termos em francês je e moi para traduzir o Ich do alemão de Freud. Ele aplica a distinção para inibição e sintoma. Enquanto este diz respeito ao moi, a inibição refere-se ao je: na inibição, é o Ich (Je, eu) que renuncia a funções que estão a sua disposição a fim de não provocar um recalçamento, ao passo que no sintoma, o Ich não participa de sua formação... A inibição impede a realização de uma função ... "Ao passo que o sintoma acarreta a modificação dessa função" (1990[1987]:178).

O caso do pequeno Hans, retomado por Freud no texto de 1926 e por Lacan no Seminário X, também é utilizado por Pommier para exemplificar a distinção: a angústia de ser mordido pelo cavalo é um sintoma, a incapacidade de sair à rua é uma inibição (id. :179).

4 - Inibição e Angústia.

Seria a inibição uma forma de evitar situações geradoras de ansiedade, uma estratégia do sujeito de não se confrontar com a angústia?

Caberia aqui a questão, apontada por J. Laberge, da evitação como expressão das defesas enquanto efeitos negativos do trauma, contrariando os efeitos positivos do recordar e repetir. Nesse caso vigorando a idéia freudiana de que as inibições, tanto quanto as fobias, são fixações no trauma (id.:6). Aliás, ele acha difícil entender-se que inibições e fobias escapem à ordem da repetição e acrescenta que nessas situações estaríamos confrontados mais diretamente a um limite em que se destaca o impossível do real. (id. Ibid.)

Retomo Lacan, no Seminário X. Valendo-se do exemplo freudiano de inibição da locomoção, ele fala de "movimento", como já foi dito acima, e acrescenta "movimento detido" ... "Na inibição é da detenção do movimento que se trata." (id:6-7)

Não querendo entrar aqui na problemática da angústia, mas de certa forma já

entrando, ainda que tangencialmente, vemos que Lacan a qualifica não como algo da ordem da emoção mas como um afeto, um afeto que não engana sobre sua causa ... A verdadeira substância da angústia é "o aquilo que não engana sobre sua causa", o sem dúvida (id.: 8). Isto é, não há dúvida na angústia, ela é que é a causa da dúvida. Esta, se existe, é para combater a angústia.

O que se trata de evitar (sublinho evitar porque se entende, que a evitação é a questão da inibição), diz Lacan, é aquilo que na angústia se sustenta em vergonhosa certeza (id. ibid.). Ele complementa que a referência da certeza é a ação. Portanto, agir é arrancar da angústia a certeza (id. ibid.). Para ele, a defesa não é contra a angústia mas contra aquilo de que ela é o sinal, isto é, de certa falta. (id.:8).

O sujeito está detido em seu movimento de advir, sujeito inibido na ação, sujeito que não comparece. Numa passagem mais ousada, precipito-me nos abismos do real: "Certa falta" que – não será? –, em última instância, a falta real, ela mesma? Aquilo que sempre falta ao sujeito, que é da ordem do impossível de simbolizar, que escapa ao simbólico? Portanto, do real inassimilável, impossível de se dizer, de se escrever?

5 - Qual será a Ação Analítica Possível?

"Nosso ofício é mostrar a impossibilidade de viver, a fim de tornar a vida um pouquinho possível. Você já viveu a hiância extrema, por que não alargá-la mais, a ponto de se identificar com ela?" (Lacan, apud. G. Pommier, id.:188) que relata esta fala de Lacan junto ao escritor François Cheng, depois da qual a inibição desapareceu.(id.ibid.).

Rio de Janeiro, novembro, 1999.

Notas

⁽¹⁾ Apresentado para discussão no Simpósio da Intersecção Psicanalítica do Brasil – São Paulo, 26,27, 28/11/1999.

⁽²⁾ Embora Lacan tenha afirmado, no Seminário X, que no texto freudiano de 1926 fala-se de tudo menos de angústia.

Referências Bibliográficas

CHEMAMA, R. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

FREUD, S. (1925-26) "Inhibicion, Sintoma y Angustia". *Obras Completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973

_____ (1910) "Concepto psicoanalítico de las perturbaciones psicógenas de la visión. *Obras Completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973

LABERGE, J. "Real e repetição", 1999; Exemplar mimeo.

LACAN, J. (1962-1963) *Seminário X, A Angústia*,. Tradução do Centro de Estudos Freudianos de Recife, para circulação interna.

POMMIER, G. *O desenlace de uma análise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.